

PARA ALÉM DOS MUROS DA UNIVERSIDADE E DAS CELAS DA PRISÃO: a extensão universitária como potência formativa e humana

BEYOND THE WALLS OF THE UNIVERSITY AND THE CELLS OF THE PRISON: university extension as a formative and human power

VALDENI DA SILVA REIS (UFMG)¹
 ÁLVARO HENRIQUE GUERRA ALCHAAR (UFMG)²
 MARIA MORENA FEITOSA RIBEIRO ALMEIDA SILVA (UFMG)³

Resumo:

Fundamentado na inclusão e na promoção da justiça social, o projeto UNISALE PARCERIA UNIVERSIDADE-ESCOLA não se limita ao ensino de línguas, mas prioriza a criação de parcerias e trocas, valorizando experiências e saberes dos sujeitos envolvidos. O presente trabalho objetiva analisar o impacto do projeto sobre bolsistas e participantes, por meio da análise de narrativas escritas a partir das ações realizadas pelo projeto. Estaremos focados, desse modo, nos deslocamentos de saberes, percepções e identidades frente à relação do participante consigo, com o outro e com as ações desenvolvidas pelo projeto. Teoricamente, baseamos nossas reflexões nos escritos de Jorge Larrosa sobre experiência e alteridade, em Goffman sobre estigma e identidade e em Coracini sobre identidade e ensino de línguas. A metodologia adotada ancora-se em uma abordagem qualitativa interpretativista, com princípios e procedimentos da Análise de Discurso franco-brasileira para geração e análise do corpus. As análises das narrativas indicam, assim, a escrita dos participantes como espaços de subjetividade e de aprendizagem, evidenciando estigmas, resistências e reconstrução de sentido. Resultados preliminares evidenciam a potência formativa do projeto fazendo emergir percepções críticas sobre a desumanização do sistema prisional, mas também o surgimento da esperança em torno da dignidade e da capacidade de reconstrução dos internos; e da convocação ao trabalho responsável por parte dos sujeitos socialmente envolvidos. O impacto das ações do Projeto é compreendido como forma de transformação pessoal, profissional e acadêmica, fortalecendo o papel social da universidade e ressignificando práticas formativas-docentes.

Palavras-chave: extensão universitária; formação docente; privação de liberdade; UNISALE; Experiência.

¹ Professora Adjunta da Faculdade de Letras/Programa de Pós Graduação em Estudos Linguísticos UFMG.
 Email: valdeni.reis@gmail.com.

² Mestrando do Programa de Pós Graduação em Estudos Linguísticos UFMG. Email: alvaroalchaar@gmail.com.

³ Aluna da Faculdade de Letras UFMG. Email: mariamourena@gmail.com.

Abstract:

Based on inclusion and the promotion of social justice, the UNISALE PARCERIA UNIVERSIDADE-ESCOLA project is not limited to language teaching, but prioritizes the creation of partnerships and exchanges, valuing the experiences and knowledge of the individuals involved. This work aims to analyze the impact of the project on scholarship recipients and participants, through the analysis of narratives written from the actions carried out by the project. We will thus focus on the shifts in knowledge, perceptions, and identities in relation to the participant's relationship with themselves, with others, and with the actions developed by the project. Theoretically, we base our reflections on the writings of Jorge Larrosa on experience and alterity, Goffman on stigma and identity, and Coracini on identity and language teaching. The methodology adopted is anchored in a qualitative interpretative approach, with principles and procedures of Franco-Brazilian Discourse Analysis for the generation and analysis of the corpus. The analyses of the narratives thus indicate the participants' writing as spaces of subjectivity and learning, highlighting stigmas, resistance, and reconstruction of meaning. Preliminary results highlight the formative potential of the project, bringing to light critical perceptions about the dehumanization of the prison system, but also the emergence of hope regarding the dignity and capacity for reconstruction of the inmates; and the call to responsible work on the part of the socially involved subjects. The impact of the Project's actions is understood as a form of personal, professional, and academic transformation, strengthening the social role of the university and giving new meaning to teacher training practices.

Keywords: University extension; teacher training; imprisonment; UNISALE; Experience.

INTRODUÇÃO

O Projeto UNISALE – Parceria Universidade-Escola surge do reconhecimento da diferença histórica presente entre a universidade e a escola básica, espaços que, embora dividam a mesma responsabilidade com a formação humana, sistematicamente se estabelecem de forma dissociada. A proposta do UNISALE é romper com essa distância e distorção, criando pontes entre o ensino superior e a educação básica, segundo uma perspectiva colaborativa e dialógica. Dessa forma, a universidade e a escola são assimiladas como parceiras que avançam juntas na procura de propósitos coletivos, compartilhando responsabilidades e saberes.

O projeto baseia-se na noção de que o saber não é monopólio da academia, mas é, também, concebido nos ambientes de prática pedagógica cotidiana, nas vivências dos(as) professores(as) e nos contextos socioculturais em que a escola está presente. Nesse sentido, o

UNISALE age de acordo com demandas explicitadas pelos(as) docentes das escolas parceiras, entendendo-os como os principais indivíduos do processo educativo. É o professor quem estabelece as formas e os conteúdos das ações, de maneira que o projeto se adequa às exigências e às dificuldades das comunidades escolares, possibilitando a construção de um vínculo de respeito, de escuta e de corresponsabilidade.

Em suas diversas edições, o UNISALE tem intensificado sua capacidade de alcançar espaços historicamente à margem da presença universitária, como escolas situadas em zonas rurais, comunidades em situação de vulnerabilidade e até mesmo contextos internacionais, como a edição “UNISALE VAI ALÉM” que atendeu todas as regiões do Brasil e dois professores em Cabinda, Angola-África. Essas experiências atestam a capacidade da extensão universitária como prática transformadora, que ultrapassa as fronteiras físicas e simbólicas. Possibilidades para a comunhão entre a prática docente e o fazer universitário podem, enfim, ser estabelecidas ou redefinidas (Reis *et al*, 2022). Concordando com os autores, compreendemos que “ressignificar a relação universidade-escola é um meio fundamental para sermos capazes de ir além e estar no além, na Educação e no além do que podemos vir a ser (nela), desafiando as fronteiras que limitam nossa caminhada.” (Reis *et al*, 2022, p. 158).

Atualmente, o Projeto expande essa vocação social e humanizadora ao se dispor a ir mais além ainda, rompendo com muros ou cadeias físicas e subjetivas, realizando suas ações em unidades socioeducativas e em presídios. Intitulada “UNISALE PrivAÇÃO de Liberdade”, essa edição do Projeto se configura como uma ação que coloca em diálogo dois ambientes tradicionalmente distintos e individualizados, a universidade e o sistema prisional, com o objetivo de identificar as potências formativas existentes em ambiente marcado pela exclusão. Nessa perspectiva, o ensino da língua (inglesa) é compreendido não apenas como uma disciplina curricular, mas como um instrumento de expressão, reflexão e de reconstrução identitária (Reis, Campos e Oliveira, 2018; Coracini, 2007; 2003).

O objetivo do presente trabalho é, desse modo, analisar as ações e os impactos da edição do Projeto UNISALE direcionados ao contexto de privação de liberdade, com foco nos métodos formativos criados a partir do contato entre universidade (coordenadora, bolsistas e voluntários do projeto), professores e participantes privados de liberdade. Compreendendo de

que maneira a extensão universitária, quando situada nesse espaço sensível, pode contribuir para a formação humana e crítica, ao mesmo tempo em que reposiciona a função da universidade pública ao chegar em realidades em que ela se faz necessária e desejável.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Partindo de Larrosa (2002), compreendemos o termo ‘experiência’ como conceito central para a formação humana ou para a humanização das pessoas nas relações em que estão envolvidas. Para o autor, a experiência deve ser vista como aquilo que nos passa, nos acontece e nos toca de modo particular. O sujeito da experiência está, desse modo, aberto a processos de rompimento de antigas barreiras ou cadeias que nos habitam. Portanto, o sujeito da experiência está, segundo Larrosa (2002), aberto e pronto a viver deslocamentos e processos de transformação.

Podemos dizer que a experiência é da ordem dos afetos, e, portanto, ultrapassa e vem antes da categorização, daí a produção de esquemas e representações aludidas no sentido de fazê-la tangível. Aqui argumentamos que as representações são advindas de um movimento posterior-anterior ao acontecimento-experiência. Assim, a experiência atualiza a discussão sobre como o trabalho extensionista tenciona fronteiras institucionais e estimula novas possibilidades de existência, de convivência e de aprendizagem. No entanto, a forma científica que aqui se dá é atravessada por vozes assumidas e apagadas, que constituirão na figura de um indivíduo em privação de liberdade um sentido que não o reduz a um objeto de pesquisa, mas que anseia colocar suas produções discursivas como constitutivas de realidades em um determinado quadro que se abre à experiência.

A produção de Erving Goffman (2008) acerca dos quadros da experiência social nos permite pensar o problema da representação e da constituição da realidade como programas, scripts, roteiros e funções. Com o autor, podemos compreender um modo como o social, o humano, e o psíquico podem ser vistos em diálogo, nos permitindo investigar como as representações institucionais devem ser vistas como uma captura das possibilidades da expressão. Com Goffman (2008), se revela a face sombria da ética contida em *nossa* fundo de representações e imaginários: no desfoco do não visto, no fundo que sustenta a imagem, no

esquecido que é mais um lembrado engessado e automático do que algo que não se sabe, mas fabrica o modo como o outro é enxergado ou nomeado, formatado nas representações que carregamos sobre ele.

É pensando no acontecimento das vozes acadêmicas sobre o estrato social prisional que elegemos como arranjo para observação a experiência em Goffman, como contraponto de Larrosa, em um movimento de retorno ao “fundamento” e ao funcionamento de pré-conceitos em conflito com a experiência e seus quadros. Enquanto Larrosa enfatiza a passagem da experiência, Goffman evidencia como esses pré-conceitos operam como estigmas, isto é, interpretações sociais que desvalorizam sujeitos antes mesmo da interação, moldando percepções, relações e possibilidades de reconhecimento.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

O presente trabalho objetiva analisar o impacto do projeto sobre bolsistas e participantes, por meio da análise de narrativas escritas a partir das ações realizadas pelo projeto. De modo mais específico, estaremos focados na análise de relatos escritos por alunos da graduação e da pós-graduação, sobre uma visita técnica e trabalho de campo realizados em um complexo penitenciário localizado na região metropolitana de Belo Horizonte, MG. Serão observados deslocamentos de saberes e de percepções, além de deslocamentos identitários vivenciados pelos participantes de tal ação desenvolvida pelo projeto.

Trata-se de uma abordagem qualitativa interpretativista, ancorada, também, em princípios e procedimentos da Análise de Discurso franco-brasileira para geração e análise do corpus linguístico. Nossa análise investiga a escrita dos participantes como espaços de subjetividade e de aprendizagem, capazes de revelar estigmas, resistências e reconstrução de sentidos a partir da experiência vivenciada por eles. A ação do projeto que retira os sujeitos de ambas as instâncias, universitária e prisional, desafiando tanto os muros da universidade, quanto as celas da prisão, instaura em seus sujeitos uma reorganização de suas representações, estando aí, portanto, a oportunidade de vivenciar tal ação como experiência que transforma os sujeitos.

Desse modo, partimos de relatos dos alunos que foram colocados em contato com a realidade prisional, observando como os sentidos e seus efeitos são (re)construídos. Nesta conjuntura consideramos que as repercuções de sentido do/no discurso são engendradas por uma rede de significantes, dentro da qual o sentido não se dá a priori, nem é estático; mas é sim uma relação do que é sócio, histórico e ideológico (Orlandi, 2015; Pêcheux, 1995). O elemento narrativo que faz com que cada palavra se conforme, funcione, ganhe efeito pragmático sobre o espírito, é gerado no afeto, no lembrado, no demonstrado, atuando no modo como as imagens sobre nós mesmos, sobre o outro e sobre o mundo *real* são aí construídas e delimitadas.

Analisaremos, assim, narrativas escritas via **Google Formulários** por alunos da graduação e da pós-graduação inscritos para participar da visita técnica e trabalho de campo realizados em um complexo penitenciário de MG, em julho de 2025; por bolsistas e voluntários do projeto igualmente participantes desta ação. A escrita foi solicitada em dois momentos distintos, a saber, antes e depois da ida dos alunos ao complexo penitenciário.

Os relatos escritos antes da ida à penitenciária foram produzidos por oito alunos participantes da ação a partir da seguinte orientação: “Escreva suas reflexões e impressões acerca deste tema: “Visita Técnica e Trabalho de Campo: A Universidade Vai à Prisão!”/O que você espera dessa visita?/Quais sentimentos você tem ao pensar nessa visita?/Você tem alguma preocupação ou anseio?/Quais são suas expectativas?/Gostaria de deixar mais alguma mensagem, dúvida ou sugestão?”. Após a visita, os alunos foram convidados a refletir e escrever sobre a experiência a partir de tal orientação: “Convidamos você a construir um relato-reflexão sobre a visita técnica/trabalho de campo que realizamos. A ideia é que você escreva livremente, tecendo suas experiências, sensações e aprendizados a partir do que viveu.”

A VISITA TÉCNICA E A EXPERIÊNCIA HUMANA

Nos relatos aqui analisados, observamos que os participantes da ação estavam dispostos a romper com os muros físicos e subjetivos que os separavam da realidade do contexto prisional, estando, portanto, abertos à experiência. Tal abertura já se manifestava via

inscrição na ação do Projeto que demonstrava o desejo desse sujeito de conhecer a realidade do outro.

Assim, podemos apreender nos relatos escritos antes do trabalho de campo na penitenciária, construções discursivas cujos sentidos transitavam em torno da empolgação e de incertezas, articulando expectativas, curiosidades, ansiedade e esperanças frente ao contexto desconhecido, mas já povoado de significantes em suas representações. Observemos, nesse sentido, os excertos abaixo:

1. “Fico um pouco preocupada em como vou reagir emocionalmente durante a visita. É um ambiente que pode ser impactante, e não sei exatamente como será estar frente a frente com uma realidade tão dura. Quero estar aberta, mas também preparada para lidar com isso de forma respeitosa”.
2. “Percebo a visita técnica e o trabalho de campo, que liga a universidade e a prisão através da educação, uma grande experiência não apenas para nós alunos da universidade mas também para os alunos da escola dentro do complexo. Uma experiência que por si só mostra que a educação não tem barreiras.”
3. “Espero conseguir tocar de forma concreta o que essa experiência significa para algum deles e também para mim.”

Aqui é demonstrado na perspectiva de três participantes uma síntese das respostas em três horizontes referenciais: a expectativa gerada pelo choque de realidade e a expansão da percepção pessoal da educação frente ao contexto especial; a empolgação com a atividade de extensão entre universidade e sociedade com a finalidade de produzir conhecimento acadêmico partindo do encontro e da experiência; e, por fim, o anseio pessoal pela compreensão de uma realidade que se desenrola em um espaço outro.

É possível perceber um olhar aberto a enxergar o outro para além das representações e dos quadros (e esquadros) sociais que os amarram, congelam ou os definem de modo irremediável. Ao mesmo tempo, podemos observar movimentos discursivos cujos efeitos trafegam pela esfera do medo, da insegurança ou do bloqueio, ao não conseguir definir o resultado emocional de tal experiência. Os estudantes que participaram como voluntários demonstram, portanto, uma posição aberta e desejante da experiência, com as ressalvas ao

exercício apontando para a esfera afetiva do sentir pessoal, em detrimento do pré-concebido que se denota na relação com a população do estrato social recluso.

A proposta de atividade desenvolvida no complexo penitenciário foi intitulada “Construindo Pontes de Esperança: Educação e Reflexão no Sistema Prisional”, visando definir objetivos e resultados que a equipe buscava alcançar com o trabalho e trilhar as ações ali estabelecidas. Seguindo sua vocação, o Projeto UNISALE recebeu do complexo penitenciário a demanda de realizar com os alunos encarcerados uma roda de conversa e foi *essa situação* o ponto de partida do plano de trabalho.

Com isso, o objetivo geral da proposta foi “Promover a troca de experiências entre os jovens graduandos e os detentos, estimulando a reflexão sobre desafios, superação e o poder transformador da educação, com foco em criar empatia, fomentar a esperança, a escuta ativa e sensibilizar para a importância da educação no processo de reintegração social.” Aqui, é possível observar de forma evidente a relação entre o objetivo geral da atividade e a missão do UNISALE, a saber, a comunicação entre a universidade e a sociedade por meio da educação em contextos vulneráveis. Nesta situação, seguindo o que aponta Larrosa, torna-se possível a produção de conhecimento por uma pre-ocupação com a expansão dos olhares e da forma de tratamento na relação com *um* outro de contexto extremamente distante.

A troca entre o saber altamente qualificado da universidade pública e o saber do contexto sistemática e estruturalmente privado da realidade prisional, em uma dinâmica que busque desenvolver bilateralmente o conhecimento humano, da/na experiência, se delineia, assim, como pivô da atividade proposta. Após deixar clara a proposta, elegemos como programa de ação as atividades intituladas “Abertura e Boas Vinda; Roda de Conversa: Desafios e Esperança; Atividade de Expressão: Projeto de Esperança”, seguidas pela “Apresentação dos projetos” e pelo “Encerramento” das atividades.

O roteiro demonstra preocupação com a experiência desde o início, o que é visto na descrição da ação inicial da proposta: “quebrar barreiras iniciais e criar um ambiente de respeito e abertura”. A escuta atenta e interessada, como mecanismo que consiste na colaboração mútua entre falante e ouvinte na elaboração das questões do falante, é intencionada no segundo momento do roteiro e visa facilitar a dinâmica da próxima etapa: a

atividade de expressão. Com o intuito de produzir textos de diferentes gêneros, mas que funcionem em um registro que seja expressivo da subjetividade, essa etapa propõe ao(s) encarcerado(s) fazer ecoar sua voz.

Por fim, a apresentação dos projetos e o encerramento propõe ações com as mesmas inclinações do objetivo geral: a partilha da experiência, a discussão transformadora, a expressão da voz e a criação de pontes para a esperança. Como último recorte do corpus, analisa-se aqui os resultados esperados que são: “Desenvolvimento de um ambiente de respeito e colaboração entre os estudantes e os acautelados./Reflexão sobre o papel da educação no processo de reintegração e transformação./Sensibilização dos jovens estudantes e acautelados quanto à importância da esperança e superação pessoal.” Tais proposições demonstram também o cuidado com a experiência, tanto dos estudantes da universidade, quanto dos que se encontram na unidade prisional. A expectativa de gerar reflexão sobre o papel da expressão esperançosa no processo de reintegração educativa e transformativa condiz com os objetivos escritos no início do documento e marca justamente a preocupação com a sensibilização e mobilização ética que se apresenta como preocupação do projeto UNISALE como um todo.

Notamos, portanto, uma construção consistente na elaboração do projeto, que ressoa com o programa de extensão e dialoga com diferentes referenciais teóricos, tanto no que diz respeito à experiência e às práticas discursivas, quanto no que diz respeito aos problemas sócio-históricos da imagem e da representação social. O objetivo de superação pessoal se interliga com a experiência subjetiva e o ganho de saberes, que são da ordem epistêmica e que se relaciona com os trabalhos da antropologia, na etnografia e estudos das formações humanas, e a psicologia social, na relação com os imaginários e representações que dão conta, no discurso, dos processos de elaboração dos saberes e valores coletivos.

Após a visita, ocupamo-nos em ouvir os participantes da ação do projeto. Para a escrita do relato havia as seguintes perguntas a serem contempladas na produção. 1. Quais foram suas impressões gerais sobre a visita técnica? 2. Que reflexões surgiram para você durante ou após a experiência? 3. Quais sentimentos foram mobilizados? 4. O que mais te impressionou ou marcou? 5. Quais aprendizados você leva dessa vivência? 6. Há algo dessa

experiência que você sente que vai carregar consigo? 7. Se você comparar o que esperava da visita com o que realmente viveu, que diferenças ou aproximações percebe? Houve algo que superou, frustrou ou transformou suas expectativas?

As perguntas direcionavam os participantes para que nos fosse possível apreender modos em que a experiência se deu, além de nos possibilitar perceber traços da memória e da subjetividade do sujeito em sua escrita. Vemos, com isso, que a linguagem da experiência aberta ao afeto torna todos os quadros (Goffman, 2004) dissolvidos, ainda que presentes. Isto é, quando deixamos a experiência ser guiada pelo afeto, se tornam flexíveis as “molduras” sociais de Goffman, ou seja, os esquemas que organizam como interpretamos situações, continuam existindo, mas perdem força e rigidez. O que apontamos são os deslizamentos das experiências objetivas-subjetivas que fazem mudar as formas e as interpretações tanto quanto o modo de registro dos acontecimentos na linguagem.

Observemos, nesse sentido, o seguinte relato:

4. “Visita muito construtiva. Fui de forma humilde e simples, sem preconceitos ou grandes expectativas. Para mim, era sobre conhecer o funcionamento da escola e os alunos dela, não tinha intenções muito complexas. Foi interessante ver não só como a escola funcionava, mas também a prisão em si...”

O autor do relato aponta para suas mudanças de perspectivas e o ganho de experiências e faz alusão à diferença da experiência. Seu enquadramento ganha outra dimensão na continuidade de sua escrita:

5. “Acredito na Ressocialização como objetivo do encarceramento e ali pude ver que ele é real e possível, pois os alunos se sentem motivados para serem ressocializados, se tornar outro em sociedade, mas sem perder identidade e essência, pois veem a importância de experiências e vivências que tiveram e moldaram eles, principalmente na escola.”

A alusão ao processo de ressocialização dá ao tom pragmático e funcional do quadro a forma como o participante do projeto vê sua ação como mobilização e transformação social. A importância da identidade e a essência quando pensados como ideais de ser dos indivíduos encarcerados, situação em que se perde a autonomia e a liberdade, aponta para o reconhecimento do direito do outro de ser. A produção de narrativas e a consideração das

vivências coroam, portanto, a justificativa para a experiência construtiva. Há, neste relato, a temática da esperança, que será presente nos outros relatos, corroborando a efetividade da proposta de atividade que ganha efetivação na prática e na própria subjetividade dos sujeitos.

Essa narrativa aponta para o efeito e a satisfação na experiência, considerando os objetivos cumpridos e novos pensamentos acerca da situação encarada, em um primeiro momento. O enquadramento mais amplo da experiência vem logo em seguida e é mais carregado de memória e reflexão sobre o sistema prisional e seu funcionamento:

6. “Após a experiência, o descaso do sistema prisional com os internos foi o foco dos pensamentos. Escutar os indivíduos privados de liberdade falarem sobre como são desumanizados e como sofrem com o descaso e micro agressões do estado gerou reflexões acerca do conceito e objetivo de unidades prisionais para os demais membros da sociedade.”

O conceito e o objetivo do sistema prisional são colocados em reflexão pela desumanização observada na escuta ativa dos participantes. Tal forma de conceituar e observar a ação pela autora do relato denota uma preocupação social e que observa a violência e o descaso como fatores constituintes do quadro em que a experiência se dá. De fato, trata-se de um achado da experiência, cruzam-se conhecimentos enciclopédicos e ação social que denotam a facticidade do re-conhecimento sobre as instituições se confirmando na própria produção linguística dos participantes. O relato dá conta também da produção subjetiva e relacional das pessoas privadas de liberdade (PPL):

7. “a naturalidade dos PPL’s marcou muito, como eles conviviam e brincavam entre si, sabendo detalhes íntimos da vida dos colegas”.

Esta construção é muito relevante dada a forma como se enquadra o sistema prisional, pois marca um ponto de diferença, uma surpresa do encontro, vinda do olhar curioso e atento às relações ali estabelecidas. A surpresa é, neste caso, a possibilidade da experiência, a produção no encontro de novas realidades simbólicas e reflexivas que distorcem ou reconfiguram o pré-concebido, as representações. Conforme relato abaixo:

8. “Aprendi, portanto, com essa vivência, a olhar para o próximo não apenas com mais compreensão, mas também enxergando mais potencial”

A produção de conhecimento que expande o horizonte, expande também as possibilidades do outro, a alteridade. O bom lidar com as constituições, contextos e verdades do outro é apresentado como uma forma de diferenciar, ganhar potência, criar com o novo destruindo o pré-concebido e as limitações postas pela informação social que estigmatiza os indivíduos. Falamos aqui do conhecimento que só pode ser depreendido da diferença.

Assim, as narrativas e expectativas elaboradas no contexto prisional continuam a atuar na constituição de sentidos e na compreensão da realidade pelos participantes. A experiência produz uma memória que articula conhecimento e afeto, conferindo ao reconhecido uma dimensão ética. O reconhecimento do outro amplia os horizontes interpretativos e reinscreve a esperança no processo narrativo. Portanto, a esperança, entendida como força simbólica de enfrentamento da discriminação, configura-se como elemento estruturante para a conclusão da análise do relato.

Na próxima narrativa, apreendemos a forma entusiasmada e enriquecedora com que a ida ao contexto de privação de liberdade foi compreendida e absorvida na formação docente da participante:

9. "...foi uma verdadeira aula, muito produtiva, que me levou a refletir profundamente sobre meu papel como professora e sobre o quanto sou capaz de ser uma agente transformadora na vida de alguém."

A dupla relação entre profissão e humanidade dialoga na construção da imagem de si para o acontecimento e denota um quadro íntimo e subjetivo, capaz de modificar o modo como esse sujeito se constituirá na docência e no modo de enxergar e lidar com o outro. Assim, a narrativa nos permite apreender o modo como o evento toca e perpassa o sujeito, configurando-o como experiência capaz de revelar ou inspirar novos fazeres e olhares, remodelando representações.

No enquadramento produzido pelo relato, os sujeitos privados de liberdade visitados, mostram-se genuinamente felizes por serem enxergados e ouvidos. *Os internos estavam empolgados e abertos à participação em todas as atividades, pois comprehendiam que uma prática pedagógica havia sido exclusivamente delineada para eles.* A importância pedagógica no enquadramento do que aconteceu neste relato da nota do reconhecimento da diferença de

contexto em que vivem os acautelados e da possibilidade de ressignificação de suas realidades no contato com o estudante-professor, cuja experiência também ensina. A mobilização de representações e da memória é fortalecida na experiência provocada pelo diálogo e singularizada pelo compartilhamento das histórias e subjetividades, conforme relatado na narrativa abaixo:

10. “Compartilharam histórias de suas famílias, falaram sobre sonhos e alguns, inclusive, demonstraram interesse em participar do projeto. Essa troca foi, para mim, profundamente significativa e ficará marcada como um momento de crescimento pessoal e profissional.”

Nesse contexto, a conclusão deste relato reforça o alcance da experiência. Ressoa em todo o corpus, marcas linguísticas e discursivas que transitam em torno do futuro e da esperança, permitindo-nos apreender a força e potência dessa experiência para todos os envolvidos. O evento se revela potente, capaz de mobilizar e gerar transformações subjetivas, sociais e a desejada construção de novas realidades. Os relatos que se seguem nos permitem, de modo direto e explícito, vislumbrar a potência formativa e transformadora contida na transposição de muros e de celas físicas e subjetivas que nos amarram em práticas e relações preconceituosas. Argumenta-se com isso que experimentar com realidades díspares pode ser o caminho para que transformações necessárias ocorram no *nossa mundo à nossa volta*.

Vejamos:

11. “Em conjunto com os participantes do projeto UNISALE, pude conhecer um pouco sobre uma realidade completamente distinta da minha. Apesar dos sentimentos iniciais de medo e ansiedade, a experiência superou minhas expectativas. Eu imaginava que aprenderia muito, mas não esperava sentir tanto, e tão intensamente. Adentrar os portões da penitenciária foi como pisar em um mundo novo: desconhecido, misterioso e inexplorado, imagem construída pelos ecos que ouvimos de fora.”
12. “A visita me permitiu refletir sobre o tratamento de desumanização dado aos indivíduos encarcerados, tão cruel e injusto, que apaga e diminui. Fui confrontada com meus próprios privilégios diversas vezes, o que é essencial para minha trajetória, tanto na pesquisa quanto no aspecto pessoal, para que eu possa me tornar cada vez melhor”

A completa distinção entre a realidade do jovem da cela e do jovem universitário ganha corpo nas representações e no modo como o outro é compreendido. Os efeitos de

sentido que ressoam nos dizeres contidos nas narrativas acima, denotam o medo frente ao desconhecido, o estranhamento frente a realidades distintas povoadas por representações que nos afastam do contato com o outro; além de nos indicar também curiosidade e abertura para adentrar em território hostil. O misto de emoções negativas que antecederam o encontro com tal território, cede lugar a emoções que surpreendem o sujeito, transformando suas percepções e formas de se colocar no mundo.

Os relatos nos permitem apreender efeitos de sentido em torno da desconstrução e do enfrentamento de sentimentos negativos, a partir da transposição de muros, de celas e do compartilhamento de histórias, criando espaço para que a experiência atravesse, toque e aconteça nos sujeitos envolvidos nessa ação extensionista.

Vislumbrar realidades tão distantes faz com que surja, concomitante, o reconhecimento da humanidade do indivíduo em privação de liberdade. A残酷za da prisão parece fazer emergir o reconhecimento de direitos, de deveres e da igualdade entre os seres humanos. Com a ação do projeto, advogamos a importância da ponte entre mundos distantes, como a prisão e a universidade, acreditando que tal conexão pode ser transformadora no sentido de nos devolver a esperança de que mudanças possam ser alcançadas, na medida em que assumimos a vocação universitária de contribuir com a comunidade à sua volta.

Finalmente, exaltamos a beleza contida no gesto ousado de sair de nossos mundos e visitar o mundo do outro para que novas realidades sejam pensadas, conforme apontado no excerto abaixo:

13. “No geral, a visita me marcou profundamente. Jamais esquecerei do que vivemos naquela tarde de quarta-feira, antes um dia tão comum. Levarei comigo o que aprendi com os professores, os colegas de universidade e aqueles que nos deram seu tempo e atenção, e a vontade de mudar realidades para que sejamos uma sociedade mais justa, igualitária e gentil. Foi uma experiência muito bonita!

Há uma construção de memória como enquadramento narrativo do ocorrido. A descrição do tempo, do espaço e das pessoas ganham um enquadramento de cena, episódio, capítulo da história principal da vida pessoal, como experiência que se faz corpo no corpo do sujeito. Este caráter narrativo fecha o deleite da transformação emocional e do aprendizado que transita primeiramente em meio ao medo, ansiedade, injustiça, desumanização,

apagamento e estigma, para chegar em um lugar a partir do qual melhorias e transformação de realidades passam a ser pensadas.

CONCLUSÃO

A análise das ações elaboradas pelo Projeto UNISALE na edição voltada ao contexto de privação de liberdade, permite-nos afirmar que a extensão universitária é uma prática eficiente e necessária de formação e potencialização humana e social. Ao se inserir em espaços marcados pela exclusão, o projeto sustenta o compromisso da universidade com a democratização do conhecimento e com o incentivo de uma educação libertadora, qualificada para criar um impacto real na vida dos sujeitos envolvidos.

O trabalho realizado no interior de instituições prisionais mostra o valor da escuta, da interação dialógica entre universidade e escola e de se colocar à serviço do outro; evidenciando que o método de ensino-aprendizagem pode florescer mesmo em condições adversas. Nesse ambiente, professores, estudantes e internos se tornam coautores de um processo de formação recíproca, no qual o conhecimento deixa de ser um mecanismo de poder e se transforma em uma experiência compartilhada de reconstrução subjetiva.

Concluímos, por fim, que o UNISALE ultrapassa barreiras, muros e celas, transformando-se em um campo de diálogo entre saberes, afetos e práticas emancipatórias. Ao chegar onde a universidade dificilmente alcança, o projeto materializa o ideal de uma educação pública, crítica e comprometida com a justiça social. Mais do que conectar o saber acadêmico aos espaços de privação, o UNISALE leva humanidade, reconhecimento e possibilidade de futuro, reafirmando que a verdadeira função da universidade é formar sujeitos e transformar realidades, dentro e fora de seus muros.

REFERÊNCIAS

- CORACINI, M. J. (2003). **Língua estrangeira e língua materna: uma questão de sujeito e identidade**. In: Coracini, M. J. (Org.). Identidade e discurso: (des)construindo subjetividades (p. 139-160). Campinas: Editora Unicamp.
- CORACINI, M. J. **Subjetividade e discurso**. Campinas: Pontes, 2007.

GOFFMAN, E. **Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada.** Rio de Janeiro: LTC, 2004.

LARROSA, J. **Experiência e alteridade em educação.** Petrópolis: Vozes, 2018

LARROSA, Jorge. **Experiência e alteridade em educação.** Revista Reflexão e Ação, Santa Cruz do Sul, v. 19, n. 2, p. 4-27, jul./dez. 2011.

LARROSA, J. **Notas sobre a experiência e o saber de experiência.** Revista Brasileira de Educação, n. 19, 2002.

ORLANDI, E.P. **Análise de discurso: princípios e procedimento.** Campinas: Pontes, 2015.

PÊCHEUX, M. **Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio.** 2. ed. Campinas:Unicamp, 1995.

REIS, Valdeni da Silva; CAMPOS, Isabela de Oliveira. “**Onde está a universidade?": do discurso da (des)qualificação à presença colaboradora.** Revista Imagens da Educação, Maringá, v. 11, n. 2, p. 190-211, abr./jun. 2021. DOI: <https://doi.org/10.4025/imagenseduc.v10i3.54454>.

REIS, Valdeni da Silva; CAMPOS, Isabela de Oliveira; et al. **A transgressão da extensão universitária nas fronteiras do aqui-agora: o ensino-aprendizagem de línguas amanhã e além.** Revista Linguagem & Ensino, Pelotas, v. 25, n. 2, p. 431-457, 2022.

REIS, Valdeni da Silva; CAMPOS, Isabela de Oliveira. **Universidade e travessia: práticas de extensão em contextos de vulnerabilidade.** Universidade e travessia. Belo Horizonte. 2021.

REIS, V. DA S., CAMPOS, I. DE O., & OLIVEIRA, S. L. (2018). **A educação continuada de professores de língua inglesa como espaço-experiência de (transformação) (re)significação identitária: A Língua Ensinada-Aprendida.** *Gláuks - Revista De Letras E Artes*, 18(1), 32–50. Recuperado de <https://www.revistaglauks.ufv.br/Glaucks/article/view/83>.